

REVISTA

Cadernos de Educação

FaE | PPGE | UFPel

ARTIGO | DOSSIÊ

Por entre diários de pesquisa: a tessitura de um campo problemático que questiona os usos dos conceitos de indisciplina e deficiência no cotidiano escolar

Between research diaries: the formation of a problematic field that questions the uses of the concepts of indiscipline and disability in everyday school life

Entre diarios de investigación: el tejido de un campo problemático que cuestiona los usos de los conceptos de indisciplina y discapacidad en la vida cotidiana escolar

Anelice Ribetto
Débora de Souza Santos Madeira

RESUMO

Este artigo se compõe como um desdobramento de uma pesquisa, que foi desenvolvida coletivamente junto a um grupo de pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Educação de uma Universidade Pública. O trabalho se explicita como um exercício do pensamento que propõe o diário de pesquisa como uma força expressiva que pode suscitar a conversa colocando em debate algumas nomeações que são dadas a alguns estudantes, categorizando-os como deficientes e indisciplinados. Trata-se de uma problematização que afirma o gesto da escuta como uma possibilidade de nos questionarmos acerca dos dizeres aprendidos, dos velhos ditados, das palavras acostumadas que fazemos circular.

Palavras-chave: deficiência; diário de pesquisa; escuta; indisciplina.

ABSTRACT

This article is an offshoot of a research that was developed collectively by a research group in the Postgraduate Program in Education at a public university. The work is explained as an exercise in thought that proposes the research diary as an expressive force that can spark conversation by debating some of the names given to some students, categorizing them as deficient and undisciplined. It is a problematization that affirms the gesture of listening, as a possibility of questioning ourselves about the learned sayings, the old sayings,

the accustomed words that we circulate.

Keywords: disability; research diary; listening; indiscipline.

RESUMEN

Este artículo es el resultado de una investigación desarrollada colectivamente por un grupo de investigación del Programa de Postgrado en Educación de una universidad pública. El trabajo se explica como un ejercicio de reflexión que propone el diario de investigación como una fuerza expresiva que puede suscitar la conversación al debatir algunos de los nombres que se dan a algunos alumnos, categorizándolos como deficientes e indisciplinados. Es una problematización que afirma el gesto de escuchar, como posibilidad de cuestionarnos sobre los dichos aprendidos, los dichos viejos, las palabras acostumbradas que hacemos circular.

Palabras-clave: discapacidad; diario de investigación; escucha; indisciplina.

Entradas...

Neste artigo há um recorte dos atravessamentos, que surgiram no processo de desenvolvimento de uma pesquisa, que foi desenvolvida coletivamente junto a um grupo de pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Educação de uma Universidade Pública. Trata-se de uma pesquisa, na qual nos deixamos afetar pelas conversas que são tecidas no livro Tremores: escritos sobre experiência, especialmente sensibilizando-nos pela interpelação feita por Larrosa (2020, p. 104), quando o mesmo nos lança a pergunta: “o que faço aqui?” A partir desta pergunta entramos no campo problemático da pesquisa para pensarmos no que há de singular na atuação de uma assistente de alunos, que ocupa o espaço educacional de uma instituição pública, que presta diversos atendimentos e possui uma escola especializada na área da cegueira e da baixa visão.

Deslocadas por essa interpelação, na pesquisa-dissertação buscamos problematizar a rotina, pensando nos chamados técnicos e disciplinares que incidem no exercício da referida função e supondo que na prática cotidiana era possível inventar possibilidades mais éticas e mais generosas de acompanhar os estudantes. A partir de tais movimentos, passamos também a problematizar aquilo que nomeamos como deficiência e indisciplina, considerando que era fundamental ter um comprometimento com a escuta. O gesto de estar à escuta pode nos habilitar para uma desnaturalização das palavras, para um empreendimento que viabilize uma intervenção, um plano comum, um modo de estar juntos, que não sugere consensos, mas reafirma a diferença.

Na pesquisa, afirmamos a cartografia como modo de fazer pesquisa e essa aposta nos admitiu fazer um rastreo, um toque, um pouso e a busca do reconhecimento atento (KASTRUP, 2020) deste espaço institucional, a partir de um movimento de suspensão, no qual procuramos estar mais atentas as coisas que acontecem nos encontros com os estudantes. Inspiradas no exercício cartográfico, sentimos também a possibilidade de nos “sujarmos” (COSTA, 2014), ocupando a pesquisa na tentativa de afirmar um modo outro de fazê-la, no qual nos fragilizamos e tentamos de alguma maneira burlar o lugar arrumado de cientista para visibilizar os des(acertos), as in(decisões), os desvios, as dificuldades e as invenções que foram percebidas a partir dos efeitos dos encontros com os estudantes.

Nesse contexto, o diário cartográfico insurgiu como uma força expressiva, que nos permitiu narrar aquilo que acontece nos encontros possibilitando-nos também escapar da percepção voyeurista (CERTEAU, 2020) que vê de longe, de cima e que não quer se misturar. O diário acaba compondo-se, assim, como um ensaio de quem se afeta e está disposta também a afetar. Isto é, um exercício de quem busca escapar da concepção divina, que tudo quer definir e explicar.

Subir até o alto do World Trade Center é o mesmo que ser arrebatado até o domínio da cidade. O corpo não está mais enlaçado pelas ruas que o fazem rodar e girar segundo uma lei anônima; nem possuído, jogador ou jogado, pelo rumor de tantas diferenças e pelo nervosismo do tráfego novaiorquino. Aquele que sobe até lá no alto foge à massa que carrega e tritura em si mesma toda identidade de autores ou de espectadores. Ícaro, acima dessas águas, pode agora ignorar as astúcias de Dédalo em labirintos móveis e sem fim. Sua elevação o transfigura em voyeur. Coloca-o à distância. Muda num texto que se tem diante de si, sob os olhos, o mundo que enfeitiçava e pelo qual se estava “possuído”. Ela permite lê-lo, ser um Olho solar, um olhar divino. Exaltação de um impulso abrangente e gnóstica. Ser apenas este ponto que vê, eis a ficção do saber. (CERTEAU, 2020, p. 158).

Assim, o diário de pesquisa emergiu como uma possibilidade de problematizar o fazer cotidiano: disparando acontecimentos que nos conclamavam ao questionamento daquilo que está naturalizado, dando a ver e

falar os dissensos e conflitos, que podem se expressar como um grande desafio relacional.

Entre diários de pesquisa: a tessitura de um campo problemático...

Na proposta de ambientação que tivemos hoje havia o convite para um passeio pela instituição que seria conduzido pela chefia direta de cada grupo. Nesse passeio, nós, os assistentes de alunos, nos separamos dos demais servidores que também eram recém-chegados e fomos conhecer a instituição sendo guiados por nossa chefe, que nos informou que o último espaço que visitaríamos seria a sala onde a equipe se reunia. Enquanto eu caminhava, me mantive quieta e atenta para pensar algumas formas de me orientar por aqueles caminhos que pareciam se entrecruzar embaralhando minha memória. Nesse sentido, eu buscava pistas que pudessem me ajudar a esquadrihar aquele espaço, lendo as placas das salas, os murais... rastreando minúcias que pudessem contribuir para que eu caminhasse junto às crianças sem me perder E tentava também prestar a atenção na descrição das atribuições da função que eram explicitadas durante o passeio. Indicando os locais nos quais iríamos acompanhar os estudantes para os atendimentos transdisciplinares, salientando também em que lugar deveríamos nos fixar para monitorá-los quanto à saída e entrada ou mesmo sobre os espaços que não poderiam frequentar. No fim do passeio, conforme o combinado, nos encaminhamos para uma sala que tinha uma placa afixada em sua porta identificando-a como Divisão de Assistência ao Educando. No entanto, a chefe que nos guiava nos informou que finalmente havíamos chegado na sala da disciplina. Para a recepção tínhamos de um lado: uma mesa posta com lanches, flores e mensagens carinhosas... e do outro: gritos de um estudante que insistia em dizer que queria brigar com algum colega de turma... com ele estava um assistente de alunos, que o ouvia, conversava de forma carinhosa, oferecendo-lhe água... e que conseguia aos poucos acalmar àquela explosão. Imersa neste cenário de boas-vindas eu me sentia confusa, desanimada, com medo. E me colocava a pensar: como iria me aproximar dos estudantes em momentos de crise como aquele que eu havia assistido? Como eu ia lidar com este inesperado duplo desafio de lidar com estudantes ditos deficientes e indisciplinados? Como caminharia com eles pela instituição se estava totalmente perdida? Por que aquele espaço era apelidado de disciplina? Será que ali eu ia mesmo assisti-los? A requisição deste fazer tinha o foco principal de discipliná-los? (Diário de Pesquisa)

Debruçando-nos a pensar nesta experimentação que narra os efeitos do primeiro encontro com estudantes neste espaço escolar, nos lembramos que esta vivência suscitou muitas perguntas, dentre as quais podemos destacar: De

Por entre diários de pesquisa: a tessitura de um campo problemático que questiona os usos dos conceitos de indisciplina e deficiência no cotidiano escolar

que modo podemos nos relacionar com uma pessoa que não atende às normas? De que forma podemos conversar? Como seria possível guiar uma pessoa, que é nomeada como deficiente, por um espaço desconhecido por nós?

Percebemos que esta vivência nos colocou diante da complexidade da vida que nos lança às situações inusitadas, em que nos encontramos com o outro percebendo que este outro não somos nós. Pensamos as frustrações e os receios, que um encontro pode nos possibilitar, ponderando ainda que tais sentimentos talvez possam se agenciar como uma produção antecipada do pensamento, que nos faz imaginar que no encontro com pessoas nomeadas como deficientes, lidaremos com pessoas frágeis e manipuláveis que se submetem a nossa “divina” orientação.

Acompanhadas por Skliar (2003) retomamos esta experiência para pensar que:

O outro irrompe, e nessa irrupção, nossa mesmice vê-se desamparada, destituída de sua corporalidade homogênea, de seu egoísmo; e ainda que busque desesperadamente as máscaras com as quais inventou a si mesma e com as quais inventou o outro, o acontecimento da irrupção deixa esse corpo em carne viva, torna-o humano. O outro volta e nos devolve nossa alteridade, nosso próprio ser outro (SKLIAR, 2003, p. 44)

Sentimos que essa situação revolveu a calma que existia e se devia ao pensamento pré-determinado que concebe o encontro como uma possibilidade relacional harmônica, na qual o outro é alguém que podemos tolerar. A ideia de tolerância, neste caso se conforma como uma indiferença. Um mecanismo de apagamento e impossibilidade de conversa com o outro, em que nos negamos a suportar a presença daquilo que nos é estranho. Como nos dizem Duschatzky e Skliar (2000), a tolerância é uma “[...] indiferença frente ao estranho e excessiva comodidade frente ao familiar” (DUSCHATZKY; SKLIAR, 2000, p.177).

Nesse sentido, tomadas por esta sensação de desordem notamos que o dissenso pode nos lançar a perceber “o outro como fonte de todo mal” (DUSCHATZKY; SKLIAR, 2000, p. 164). Assim, podemos assumir a percepção binária que regula os pares dicotômicos: indisciplinado-disciplinado e

deficiente-eficiente, levando-nos a interpretar àqueles que escapam à norma como pessoas com as quais não conseguimos nos relacionar.

Notamos que a partir de avaliação racional, técnica e interpretativa, podemos estereotipar e impor uma expectativa negativa, achando inclusive que é impossível conversar com o outro. Diante de tais considerações nos deslocamos a perguntar: nesta experimentação diariada, estamos diante de dúvidas ou certezas? Por que em alguns momentos nos percebemos como seres celestiais e concebemos o outro como a “fonte de todo mal” (DUSCHATZKY; SKLIAR, 2000, p. 164)

A alteridade do outro permanece como reabsorvida em nossa identidade e a reforça ainda mais; torna-a, se é possível, mais arrogante, mais segura e mais satisfeita de si mesma. A partir deste ponto de vista, o louco confirma nossa razão; a criança, nossa maturidade; o selvagem, nossa civilização; o marginalizado, nossa integração; o estrangeiro, nosso país; o deficiente, nossa normalidade. (DUSCHATZKY; SKLIAR, 2000, p. 167).

Ainda pensando nos efeitos desta vivência, achamos importante destacar que acerca do uso e manejo do espaço, em que julgamos que o outro seria guiado. Nos perguntamos: esta também não é uma maneira de apagar o outro? Um modo sutil e sorrateiro de invisibilizar? Uma forma de percebê-los pelo prisma da falta? Dando um *zoom* na falta conseguimos nos atentar no que há?

Suspeitamos que esta percepção de *zoom* na falta é um desdobramento da cristalização que há em algumas palavras. Como nos diz Foucault (1996), a prática do discurso além de ser um desejo, é uma forma de exercício do poder, que também emerge como maneira de subjetivar, pois os sujeitos podem ser cooptados pela palavra já dita, fazendo também a mesma circular. Assim, o discurso não é uma tomada simples de posição, ele é um acontecimento atravessado por questões históricas, ideológicas e sociais. Podendo, portanto, expressar-se de forma ética e refletida ou apenas concatenar-se com o que é permitido ou institucionalizado.

Nessa direção, consideramos que é fundamental problematizar as

Por entre diários de pesquisa: a tessitura de um campo problemático que questiona os usos dos conceitos de indisciplina e deficiência no cotidiano escolar

finalidades do uso do termo “deficiência” entendendo que o emprego do mesmo ocorre agenciado com o conceito “de falta”. Levando, dessa forma, a uma percepção que concebe a pessoa nomeada como deficiente por aquilo que ele não tem e não por aquilo que nela há. Trata-se de uma invenção conceitual histórica que resguarda em si um parâmetro de julgamento para as funções do corpo visando a uma normalização, que estabelece um modelo ideal e criva um preceito insolúvel que não permite a variação.

Acreditamos que nesta percepção diariada há uma infiltração do discurso medicalizante, que se constitui como um saber-poder que pode decidir os parâmetros e limites da normalidade, onde a categoria “corpo” está totalmente implicada com a categoria “deficiência”. Os corpos que apresentam uma condição que não atendem ao que está instituído como padrão podem ser submetidos às práticas de eliminação e invisibilidade que se cristalizam em dizeres que cotidianamente nos assombram e podem ser reproduzidos sem que possamos perceber que estamos incorporando a normatização instituída que pode ratificar a exclusão social destas pessoas.

Como expõe Rego (2006), o discurso medicalizante não é apenas uma regulação dos corpos, mas também uma força produtora que gera modos de subjetivação. Uma enunciação que tem uma longa história de institucionalização do desvio e da diferença como patologia, expandindo seus domínios na contemporaneidade, não somente em relação ao patológico e desviante, mas principalmente, à boa dose de saúde e normalidade pretendida pela civilização.

Diante de tais ponderações nos movimentamos a pensar na possibilidade de desnaturalizar aquilo que está instituído. Tal como nos diz Skliar (2003):

[...] há um outro, em meio a nossas temporalidades e a nossas espacialidades, que foi e ainda é inventado, produzido, fabricado, (re)conhecido, olhado, representado e institucionalmente governado em termos daquilo que se poderia chamar deficiente, ou então, ainda que não seja o mesmo, um outro anormal, uma alteridade anormal (SKLIAR, 2003, p.152).

Lançando-nos a pensar, entretanto, que não é só o conceito de deficiência que se infiltra nos encontros com os estudantes. Há também a nomeação que classifica os estudantes como indisciplinados. Mas este enunciado às vezes é dito de outro modo, resguardando, no entanto, o tom de normatização:

Hoje lembrei de um dia em que cheguei à instituição e fui chamada às pressas pela chefe de minha divisão. Uma estudante havia se machucado enquanto treinava na pista de atletismo da instituição. O chamado foi para que eu a acompanhasse até a urgência do Hospital Municipal Miguel Couto. Enquanto nos preparávamos para entrar no carro, no entanto, fui alertada que aquela era uma menina “sem modos” e eu, portanto, precisava me atentar bastante neste acompanhamento. Entramos no carro e eu perguntei como estudante se sentia e ela me disse que não estava bem pois, sentia intensas dores no local que havia fraturado. O motorista acelerou, chegamos rapidamente ao hospital e fomos encaminhados para a emergência do setor de ortopedia. Ao chegarmos no local percebemos que havia uma fila específica para prioridades, que também estava lotada e nos encaminhamos para lá. Porém, as pessoas desta mesma fila ao perceberem que C. era cega, começaram a gritar: “OLHA A CONSCIÊNCIA, VAMOS DAR A VEZ PARA A DEFICIENTE”. Nesse momento, C. mesmo estando machucada, quase se levantou da cadeira colocando-se a gritar “A FILA TÁ GRANDE TODO MUNDO AQUI É PRIORIDADE E TÁ MACHUCADO...TÁ PRECISANDO...EU NÃO PRECISO DA PENA DE NINGUÉM! EU TAMBÉM TENHO QUE ESPERAR!”. Eu tentei contê-la pedindo para falar mais baixo e se sentar. Fiquei ali meio envergonhada, achei naquele instante que ela tinha sido indelicada com aquelas pessoas que queriam ajudar. Feito o atendimento e já no carro para voltarmos à escola, perguntei a ela o porquê daquela explosão. E ela me disse que estava de saco cheio de ser tratada como pobre coitada. Esbravejou que além de ser cega era também atleta e tocava guitarra inclusive, apresentando-se toda sexta-feira num bar. Quando chegamos à escola eu fui almoçar com a cabeça borbulhando. Aquele encontro mexeu profundamente comigo! Fiquei pensando nas coisas que aquela menina me disse... No modo como pôde me alertar, para esta mania que temos de perceber as pessoas pela falta, pelo hábito que temos de rotular. Fiquei me perguntando se quando somos piedosos não podemos, talvez, de um modo sutil subestimar as potencialidades do outro, colocando-nos num lugar de autoridade, de sapiência que impede-nos de perceber o que há...Fiquei me perguntando se esta menina é chamada de “sem modos” porque fala aquilo que não gostaríamos de escutar.... Me perguntei se ali não tinha tido uma lição ética...na medida em que, experientei a conduta de uma pessoa, que mesmo sentindo dor não aderiu ao “jeitinho”... não colocou o

Por entre diários de pesquisa: a tessitura de um campo problemático que questiona os usos dos conceitos de indisciplina e deficiência no cotidiano escolar

próprio umbigo em primeiro lugar....Mais uma experiência...bendita trepidação! (Diário de Pesquisa)

Pensando neste encontro com a referida estudante, nos sentimos deslocadas a ponderar as concepções que nos levam a perceber o outro como alguém que “não tem modos”. Isto nos fez refletir que esta expressão é quase um jargão, um sobrenome, uma palavra de efeito para designar aqueles que não atendem às normas de disciplinarização. O encontro nos fez também perceber que a indisciplina está circunscrita como um ato de fala, uma palavra de ordem que subjetiva e forja no corpo do outro aquilo que ele deve ser atendendo a uma lógica binária, que é similar àquela que rege o uso da palavra deficiência. Ou seja, o estudante indisciplinado também é percebido pela falta, em detrimento da percepção do que nele há.

Nesse sentido, notamos a existência de um discurso que é incutido de antemão, determinando os modos de existir, o que nos permitiu indagar: quando dizemos que o outro “não tem modos”, não estaríamos de alguma forma tolhendo as múltiplas formas de viver, que existem?

Diante dessas problematizações, tecemos uma suspeita de que a indisciplina talvez possa se explicitar como uma forma de resistência do corpo ordinário (CERTEAU, 2020), que usa as táticas para escapar das tentativas de normatizações cotidianas, subvertendo o que está instituído quando há oportunidade. Produzimos uma desconfiança de que o estudante nomeado como indisciplinado é um ser ordinário que pratica o lugar reinventando ou criando modos outros de ocupar. Ou seja, acabamos pensando que a indisciplina pudesse ser pensada como uma fissura no poder, já que:

O poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares. [...] o poder não é uma instituição e nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada (FOUCAULT, 2012, p.102-103).

Deste modo, sugerimos que a indisciplina possa ser percebida por outro prisma que a concebe como uma pequena transgressão, em que o estudante fura as normas criando e inventando maneiras de não se submeter às

imposições. Nesse sentido, escapando do viés representacional, buscamos afirmar a indisciplina como uma potência de vida que apresenta outras possibilidades de viver e existir. Isto é, como uma forma da pessoa expressar sua singularidade rompendo com aquilo que determinam que ela deve ser.

Nos sensibilizamos para a possibilidade de pensarmos nos mistérios, escapando da tentativa de elucidá-los, resistindo também à explicação única, que quer dar conta da vida fundando-se em normatizações. Nesse sentido, ainda movidas pela pergunta “o que faço aqui?” (LARROSA, 2020, p. 104), nos preocupamos em afirmar que o campo problemático da pesquisa se forjou a partir da problematização dos efeitos dos encontros com estudantes. Explicitando que neste exercício tentamos dar a ver uma narrativa multivozes, cuja produção é composta por uma forma de olhar que diz de algumas percepções e sensações dos encontros com os estudantes, que não se constituem como verdades, que se quer instaurar! Trata-se de uma pesquisa que se constitui por efeitos e que tem o desejo de efeitos gerar.

Nos apoiamos também na reflexão ético-política de Franco (2013, p. 13) que nos convoca a pensar: “o que estamos fazendo existir com o que produzimos em nossas pesquisas?”... Trata-se de um exercício, no qual buscamos nos atentar apara as vozes que por vezes somos encorajados a deixar de escutar. No entanto, as referidas vozes sempre existiram e tiveram sua devida importância independentemente das lógicas normalizadoras, que tentam desconsiderá-las!

O gesto da escuta como uma possibilidade de coexistir diferindo...

Envolvidas pelos efeitos destes encontros nos deslocamos a pensar na potência que há no gesto de estar à escuta. Nancy (2014) nos conclama a problematizar o referido movimento como uma possibilidade de coexistirmos diferindo e desnaturalizando aquilo que parece ser invisível. Nas palavras deste mesmo autor, os ouvidos não têm pálpebras e, portanto, podem talvez não se fechar à fala do outro, ao ruído, ao barulho, ao som que vem de fora, nos habilitando a ouvir o nosso próprio ruído que vem de dentro como um barulho do pensamento que não silencia.

Nancy (2014) nos alerta ainda sobre a possibilidade da escuta ser usada como instrumento de controle, que está atrás da porta, à espera de uma declaração, de uma confissão. Indicando que este gesto pode também fazer ressoar um “burburinho transcendental” (NANCY, 2014, p.45), que está por trás de toda palavra, de todo silêncio se compondo como algo que está além da compreensão e que, portanto, torna mais importante a partilha do que a transmissão. Algo que se constitui como um ataque, uma fricção, nos tirando do conforto, podendo levar-nos às perturbações e tensões.

Dessa forma, relacionando-nos com as referidas reflexões, nos sentimos provocadas a pensar na potência do gesto de estar à escuta. No contexto da presente pesquisa, pensamos que nos encontros com os estudantes nomeados como deficientes e indisciplinados, experimentamos uma ressonância sonora singular-plural, na medida em que ouvimos algumas narrativas que nos atravessam e se juntam às nossas fazendo, com que possamos problematizar o cotidiano através de um burburinho, que nos coloca diante de um mundo que ecoa mistérios, saberes outros que nos interrompem e nos movimentam a questionar os dizeres aprendidos, os velhos ditados, as palavras acostumadas que fazemos circular.

Afirmamos a escuta como uma possibilidade de experimentar aquilo que difere. E nos sensibilizamos para a ideia de que nos formamos enquanto singularidades no encontro com outros que podem nos provocar atravessamentos que se constituem entre consensos e dissensos. Diante desta argumentação, nos interessamos pelos dissensos, entendendo que os mesmos podem nos mobilizar a pensar no aspecto ético-político que há no ato de escutar. Acreditamos que a escuta pode nos mobilizar para um entendimento dos conflitos como um fator que é inerente à nossa condição de viventes. Supomos que o dissenso pode nos movimentar para sentir que ao nos colocarmos junto ao outro podemos afirmar que este outro tem o seu próprio modo de estar e viver no mundo, ele tem sua marca, aquilo que o torna singular.

Pensando por este prisma, acreditamos que a escuta pode nos conclamar a pensar na necessidade que temos de nos esforçarmos para produzir uma vida em comum. Ponderamos que os dissensos, os conflitos, que

tendem a nos desordenar também podem nos mobilizar para a compreensão de que nenhum de nós possui um repertório que atenda todas as demandas que surgem.

Sugerimos que a escuta pode nos ajudar a constituir saídas coletivas, nas quais podemos escapar do consenso para possibilitar uma convivência que enuncia a existência de muitos mundos possíveis que estão aí! Eles existem e isso ninguém pode, mesmo que queira, suprimir, mudar... Dizemos isto pensando na experimentação cotidiana de caminhar junto aos estudantes nomeados deficientes e indisciplinados, sentindo-nos atravessadas pelos efeitos destes encontros que nos deslocaram a pensar na composição singular da existência de cada pessoa bem como nos arranjos que forjamos e precisam ser problematizados para que possamos refazê-los, reafirmá-los.

Por fim, situamos a escuta como uma ação que pode nos encaminhar à criatividade e à invenção de possibilidades de organização que reconheçam a existência de múltiplos modos de ver, viver e estar no mundo, reafirmando a nossa condição humana como algo que está intrinsecamente ligada à singularização, propondo que tal gesto pode nos possibilitar a problematização do (re)verso, do avesso e do (in)verso daquilo que estamos acostumados a pensar.

Referências

- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1, Artes de fazer*. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2020.
- COSTA, Luciano Bedin. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. *Revista Digital do LAV.*, Santa Maria, v. 7, n. 2, 2014. p. 66-77.
- DUSCHATZKY, Silvia; SKLIAR, Carlos. O nome dos outros. Reflexões sobre os usos escolares da diversidade. *Revista Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 163-178, 2000.
- FOUCAULT, Michel. *A História da sexualidade I: a vontade de saber*. 22. ed. São Paulo: Graal, 2012.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.
- FRANCO, Luciana. *Pensando a escrita no trabalho de pesquisa – por uma política da narratividade*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2013.

Por entre diários de pesquisa: a tessitura de um campo problemático que questiona os usos dos conceitos de indisciplina e deficiência no cotidiano escolar

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. *In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCOSSIA, Liliana da (Orgs.). Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.* Porto Alegre, Sulina, 2020. p. 32-51.

LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência.* Tradução: C. Antunes, J. W. & Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

NANCY, Jean-Luc. *À escuta.* Tradução: Fernanda Bernardo. Belo Horizonte: Chão da Feira, 2014.

REGO, Helena Monteiro. *A medicalização da vida escolar.* Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro/ UFRJ: Departamento de Educação, 2006.


SKLIAR, Carlos. A educação e a pergunta pelos Outros: diferença, alteridade, diversidade e os outros "outros". *Revista Ponto de Vista*, Florianópolis, n. 5, p. 37-49, 2003.


Recebido em: 30/09/2023.


Aceito em: 03/12/2023.

Anelice Ribetto

Doutora em Educação. Professora da Faculdade de Formação de Professores da UERJ e do Programa de Pós-graduação em Educação: Processos formativos e desigualdades sociais.

 anelatina@gmail.com

 <http://lattes.cnpq.br/1137124063566744>

 <http://orcid.org/0000-0003-1097-4880>

Débora de Souza Santos Madeira

Doutoranda e Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Processos Formativos e Desigualdades Sociais da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

 debossmadeira@gmail.com

 <http://lattes.cnpq.br/2349526971778231>

 <http://orcid.org/0000-0001-8650-1380>